ANO 5.º — Sexta-feira, 31 de Janeiro de 1913 — NUMERO 257

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANÁRIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . 1$200 réis
Semestre . . . . . 600 réis
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte 2$500 réis
Avulso . . . . . 20 réis

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Empresa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS

Por linha. . . . . 40 réis
Comunicados . . . . 20 réis
Anúncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

31 DE JANEIRO

Sobre o dia de gloriosa memoria para os que, sacrificando-se pela Patria, vilipendiádos, ergueram um grito de revolta que as balas fratricidas emudeceram, passa hoje o 22.º aniversário.

Aos vacilantes alvôres da madrugada, que um denso nevoeiro dificultava, irromperam pelas ruas da heroica cidade do Porto, soldados e povo, proclamando em gritos fervorosos, gritos do coração, o Ideal libertador duma raça que não nasceu para escrava ou para morrer sem luta, sem denodo, sem protesto!

Armas traidoras, miseros vendidos tolheram a marcha serêna desses bravos lutadores que a cobardia duns e a traição doutros tinha já então reduzido o numero.

Descargas fratricidas, levâram então a morte a muitos heroes que selâram com o seu sangue a demonstração extraordináriamente patriótica do seu gesto, grandioso e nobre.

Pela primeira vez a Republica recebia em Portugal o seu batismo de fogo e escrevia com sangue o nome dos seus filhos que naquele dia memoravel pagávam com a vida a grandêsa da sua dedicação!

Mas esse sangue, como aquele que, vestido pelo martir, no alto do Golgota, segundo résa a lenda, deu vista ao cégo; esse sangue derramádo no solo sagrádo da Patria, germinando, avassalou a alma portuguêsa e vinte anos depois, ecoávam, triunfantes por toda a parte, os gritos de vitória, que as bôcas das espingardas ao serviço e na defêsa do rei, abafáram no Porto na madrugada nevoenta e trágica de 31 de Janeiro de 1891.

Recordar aqui toda êssa epopeia de dôr e de vilipendio, de ultraje e de covardia, com que o regimen, entre medrôso e feroz, fez então passar os vencidos, não é taréfa para as colunas dum jornal, mas para um livro de bastantes paginas, como aqueles que sobre o assunto já existem.

Todos os processos se seguiram sem piedade nem relutancia e a perseguição canibalêsca desenrolou-se de norte a sul do país, contra aqueles que não comungávam na defêsa dum principio, que abérta e francamente o povo, a alma da Patria, tinha já condenádo numa luta que só a traição vencêra.

Quando resoáram nas ruas do Porto os vivas á Republica, indo de povoádo em povoádo reproduzindo-se no torrão sagrádo de Portugal, todas as bôcas os repetiram, todos os corações emocionádos palpitáram e uma vibração de esperança e de alivio agitou todo o bom patrióta, na espectativa de que o triunfo da nova Ideia melhores dias trouxesse á Patria querida!

Hoje, no Porto, executar-se-ha entre frémitos de louco entusiásmo, os sons genuinamente revolucionários do hino—*a Portuguêsa*, que ha 22 anos, tambem entre palmas e vivas, animádas pela esperança do triunfo, foi tocádo, na frente dos que caminhávam para a morte, prémio com que a traição julgára corresponder á lealdade e á valentia dos que assim se sacrificávam.

A' festa de hoje, porém, associa-se o modelar e santo velhinho que tão nobremente representa toda a nação—Manuel de Arriaga.

O venerando presidente da Republica Portuguêsa, encorporar-se-ha por cérto no prestito, que ao cemitério do Repouso irá glorificar os martires que pagáram com a vida a sua dedicação!

E, sem dúvida, nenhuma nota mais vibrante e nenhum exemplo vivo mais consolador para os valorosos republicanos portuenses do que levárem á sua frente a figura grandiosa desse homem que, abraçádo a um ideal toda a sua vida, ás vezes tão tormentosa e dificil, nada o demoveu do seu caminho, onde o encontram, decorridos tantos anos, cheio da mesma fé, ungido pela mesma crença!

O nobre chefe da nação, alma não só cheia de fé, de amor e de alevantádo civismo, dá nos o salutar exemplo da sua abnegação, indo, em pessoa, apezar dos acháques e do pêso dos seus 75 anos, prestar, junto com os seus irmãos em ideias, a homenagem devida aos gloriosos mortos de 31 de Janeiro.

Grandiosa lição êssa, que todos nós devemos estudar e não esquecer!

Viva demonstração e eloquente testemunho de que como hoje, á sombra do glorioso regimen, se compreendem os deveres que a cada um compétem, quer seja o mais alto representante do país, quer o mais simples e honésto patrióta!

Republica: nós te saudâmos no dia de hoje e ao Porto que fez tremular, ha 22 anos, dentro dos seus muros, a bandeira verde-rubra, representativa da nova Patria!

Relances

Le monde marche

Confirmado como está o pronunciamento militar dos jovens-turcos, presume-se e fundádamente que na Turquia tenha sido proclamada a Republica.

Assim sendo, desde 5 de outubro de 1910 até hoje, ha, no mundo, mais tres republicas, e na Europa mais duas: Republica Portuguêsa, Republica Chineza e Republica Turca.

Em pouco mais de dois anos, já é animador. E, por mais que se esfalfe a toupeira jesuitica, *le monde marche*...

De nôjo

O pálido e loiro, muito loiro e... ardente Manoelsito, ex-rei de Portugal, irmão do santissimo de Mafra e neto do *sacré coeur* por banda da mãe, acaba de raptar uma dama russa que, pelos modos, não prestava á fidelidade conjugal um culto por aí além.

Em bom normando referem as gazetas o acontecimento, mas nada detalham sobre a aventurosa lua de mel que deve ter tido passagens interessantes dada a sabida tendencia do raptôr para a oração...

O que porém se sabe é que a côrte do destronado mancebo, dispersa pelo Cairo, por Malta, por Nazaré, pelo Egito, está de nôjo.

E o caso não é para menos, que a sonhada restauração monarquica em manhã de nevoeiro, com o lúbrico gésto do destronado mancebo, passou para 35 gráus abaixo de zero...

Assim é que é

Descobriu-se ha pouco que um tal sr. Braulio, conservador dum liceu, apenas conservava... o maior afastamento entre a sua pessoa e o referido liceu, de ha uns 14 anos para cá.

Uma vigilante e uma servente do mesmo estabelecimento público, tambem por berliques e berloques seguiam na esteira do conservador, recebendo todos, é claro, os respectivos ordenados.

Pois o sr. ministro do Interior acaba de premiá-los devidamente reformando-os a todos... sem vencimentos.

Assim é que é, sr. dr. Rodrigo Rodrigues; e deixá-los vir para os jornais invectivar a Republica, que a gente bem sabe onde lhes dóe.

Saneando

Dentre os nossos maiores inimigos destacam-se, pela sua influencia imediatamente deletéria, o jogo, o tabaco e o alcool.

Pois o jogo já está sendo reprimido *á outrance* e dentro em breve será terminantemente proibida a venda de alcool e tabaco aos menores.

Digam os detratores o que quizérem; o que o seu esverdeado odio lhes sugerir, mas hão-de sentir o tremendo pêso désta grande verdade: a Republica segue, morigerando, saneando...

Em separáta

Muito ás cégas ando eu, louvado seja o suprêmo arquitecto!

Quando ha dias li o artigo do velho republicano sr. dr. Antonio José de Almeida, sob a epigrafe *Eu e o presidente do ministério*, disse de mim para mim que aquilo era um artigo... de trazer por casa.

E comigo estavam certamente os meus quatro leitores.

Pois enganámo-nos todos cinco!

O artigo foi posteriormente publicado em *separáta* e ainda são capazes de fazer uma nova edição!...

Clemente Morêno.

O DEMOCRATA que tem no seu passado a demonstração mais viva e segura da sua fidelidade ás instituições de hoje e que os sinceros republicanos se habituáram a vêr e a acreditar, está atualmente tão edificádo com êles, como com as suas campanhas de moralidade estão edificádos todos quantos trabalhram a descoberto pelo advento da Republica.

Se alguem julga o contrário disto, engana-se.

VIAGEM PRESIDENCIAL

No *rapido* das 13 horas passou ontem para o Porto afim de tomar parte nas manifestações do 31 de Janeiro, o venerando chefe do Estado, sr. dr. Manuel de Arriaga, que se fazia acompanhar do sr. dr. Afonso Costa, presidente do conselho de ministros, dr. Rodrigo Rodrigues, ministro do Interior, além doutras personalidades em destaque na politica.

Prestou-lhe a guarda de honra na estação do caminho de ferro uma força de infanteria 24 com a respectiva banda de musica, comparecendo tambem a cumqrimentar o sr. Presidente da Republica as autoridades civis, militares e muito povo que freneticamente o aclamou duranté a curta paragem do comboio.

O nosso amigo sr. dr. André dos Reis recebeu, por telegrama, o encargo da câmara de Oliveira do Bairro para a representar nas homenagens ao primeiro magistrado da nação, a que se associáram quasi todos os concelhos do distrito enviando delegados proprios.

UMA QUESTÃO DE MORALIDADE

Nas salas do Parlamento repercutem os écos da nossa campanha

O principio do fim: Pereira da Cruz resolve chamar-nos aos tribunaes

Após tão persistente insistencia na denuncia dum crime e na necessidade imperiosa e demasiádamente demonstrada—por honra da Republica—da justiça que é preciso fazer para punir o criminoso, Manuel Pereira da Cruz, como outros por igual culpa já castigados fôram, o ilustre deputado e honrado cidadão Francisco Cruz, na sessão parlamentar de quinta feira, 23 do corrente, tratou do vergonhoso assunto, com a reconhecida independencia e liberdade de acção, que o seu amôr pela moralidade das instituições ha muito anima.

Chamando a atenção do sr. ministro da guerra para o repelente caso aqui tratádo numa porção de numeros, pédelhe que *investigue da verdade das acusações feitas contra o medico miliciano Pereira da Cruz, de Aveiro, por isentar mancebos do serviço militar pela quantia de 50$000 reis*, porque o *facto está comprovado em documentos públicos, assinados por dois cológas daquele clinico*. E acrescenta: *são necessárias enérgicas providencias para reprimir taes abusos e irregularidades porque não foi para isso que êle e tantos outros republicanos andaram batendo-se contra o antigo regimen.*

O sr. ministro da guerra, porém, comunica-lhe que *no processo, que já se instaurou ao medico Pereira da Cruz, nada ficou provado!*

Mas o ilustre representante da nação insiste porque o sr. ministro da guerra estude o referido processo e manda para a mêsa o seguinte requerimento:

Requeiro que, pelo ministério da guerra, me seja enviada copia do processo instaurádo ao medico miliciano Pereira da Cruz, de Aveiro, pelos actos de que foi acusado de negociar a isenção de mancebos para o serviço militar.

(*Diario das sessões*, de 23 e *Diario de Noticias* de 24 do corrente).

Emquanto nos merêce, e a todos quantos lutam para que da Republica sejam enxotados os quadrilheiros que abandonáram o esqueleto da monarquia para continuarem a lucopletar-se dentro do novo regimen, que lealmente os tolerou, emquanto nos merece, diziâmos, todo o aplauso a digna e alevantada atitude do deputado Francisco Cruz—assim deixou a desejar quanto o sr. ministro da guerra sobre o assunto referiu.

S. Ex.ª não se esqueceu só que, implicitamente, passava, com as suas palavras, diplomas de tôrpes caluniadores a tres oficiaes seus subordinados que denunciáram o crime—esqueceu-se tambem que desmentia o presidente do conselho, sr. dr. Afonso Costa, na declaração ministerial por este lida quando da sua apresentação e respectivo ministério ao parlamento!

S. Ex.ª tem o dever moral, como militar e como ministro, de honrar o alto cargo que exerce cumprindo o compromisso tomado perante o país quando o presidente do conselho afirmou **que o govêrno avocaria a si todos os processos e sindicancias, revendo-os e instaurando outros que necessário fôssem.**

Do govêrno, bem supômos que o sr. ministro da guerra faz parte. Nésta conformidade naturalmente se impõe tambem á pessoa do proprio presidente, lembrar ao seu colêga da guerra que não póde esquivar-se á satisfação de quanto o deputado dr. Francisco Cruz exigiu, pedindo que fôsse revisto tal processo, que, pelo resultado obtido, briga com os mais elementares principios de justiça, afim de que a verdade, rutilante como o sol, não seja completamente abafada pela capa protetôra do odioso favoritismo, que desde o seu inicio, se vem estendendo sobre o deliquente com o maior descáro e não menos impudôr.

Sr. ministro da guerra, sr. dr. Afonso Costa: Francisco Cruz falou pela bôca do prestigio e da moralidade que todos devem á Republica!

Sr. dr. Afonso Costa:—a moralidade dum regimen é inerente a todos os factos que dentro dele precisam dêssa terapeutica!

Sr. dr. Afonso Costa:—não é só moralidade proibir o jogo, comparecer á hora do ponto no ministério, equiparar contribuições para o Estado e até equilibrar o orçamento—é tanta moralidade como aquéla dispensada a esses factos a que se torna necessária aplicar como castigo, que merecem, conhecidos e confessos criminosos, para que se não diga que ha nas cadeiras do poder vergonhosos e indecorosos protecionismos e que o sr. presidente do conselho não deixa punir esse homem que afronta o regimen e conspurca as instituições lançando mão de expedientes e traficancias que já praticava na monarquia, porque tem parentes filiádos no vosso proprio partido e ele mesmo se confessa, mais cinico que o proprio cinismo, *republicano democratico*, com a mesma sinceridade como na vespera de 5 de Outubro era *teixeirista* ainda que anteriormente, sempre com a mesma purêsa de sentimentos, tivésse sido *progressista, dissidente* e admirador do não menos admirado Conde de Agueda!

A moralidade que precisa cercar o regimen, tem de manter-se e mostrar-se onde fôr precisa, incidindo, para honra da Republica, em todas as classes sociaes, com aplicação tanto aos mais humildes dos criminosos, como aos de maior categoria!

Junto desse criminoso que dá pelo nome de Manuel Pereira Cruz, que nada tem a recomendal-o sob qualquer fase porque seja observado, sem influencia e sem valor, a não ser aquele que lhe dispensa a familia, nenhum homem de caracter infileira, e, afastando-se dele, naturalmente se afastará da bandeira que por sobre a sua cabeça tremular!

Apaniguado estremoso da moralidade e recto cumpridor da sua palavra, o ilustre presidente do conselho de ministros, Afonso Costa, não póde esquivar-se a fazer com que seja cumprida a sua promésa ministerial impondo-se para que a revisão desse famoso procésso, que por si só mostrará, da fórma mais evidente, a verdade indiscutivel de quanto aqui temos dito, e justificará a razão que de sobejo nos assiste ao pedirmos—no decorrer dos ultimos seis mezes—apenas justiça justiça.

A justiça, porém, que não só representa a condenação dum culpado, mas a moralidade do regimen e o resurgimento duma época á sombra de instituições que pela bôca dos seus mais denodados defensores, dentro e fóra do govêrno, prometeram pelos seus nomes, pela sua honra!

E ai de nós se assim não fôsse!

Rasgariâmos então éssa nova bandeira que representa a integridade dum Ideal, transformádo na realidade do regimen, e atirariâmos á fáce cinica dos que a aviltam, na prática de favoritismos indignos e infames, os retalhos que déla restassem, humecidos pela espétoração do nosso desprêso e da nossa cólera.

Depois iriâmos onde nos levasse o destino, chorar a desdita *daquéla famosa patria minha amada*, que a infamia, o perjurio e a desonra haveriam estrangulado, teriam sepultado!

* * *

Perto de seis mezes volvidos de encarniçada campanha contra os crimes de ha muito praticádos pelo *tenente medico miliciano, medico municipal do concelho, delegado de saude no distrito, homem politico, politico republicano e republicano democratico* — Manuel Pereira da Cruz—e de igual tempo dispendido em réptal-o a que nos forçasse a provar por outros meios a sua reconhecida culpabilidade nesses crimes que, com um descaramento na razão directa da sua impunidade, tem cometido, o acusado resolveu, emfim, chamar-nos aos tribunaes.

A isso o obrigou naturalmente o sr. Barbosa de Magalhães, pessôa que tem sido até hoje quem mais se esforçou, ainda que numa cuidadosa reserva, por obter a impunidade do falso *republicano democratico*, que é a vergonha duma terra e o descrédito de um partido a que, por conveniencia, pertence, persuadido talvez de que continúa a prestar-lhe bons serviços, ótimos obsequios.

Assim o réu passa a ser autor até ao dia do julgamento, em que de novo ficará exuberantemente demonstrado que quanto aqui temos dito é a verdade rigorosa e insofismavel dos factos.

O sr. Barbosa de Magalhães precipitou-se julgando como definitivo e irrevogavel o resultado da sindicancia tão peregrinamente preparada para obter o que se sabe. E bem contra vontade do verdadeiro interessado, estâmos cértos disso, empurra-o para o tribunal onde, temerariamente o obriga a jogar a ultima cartáda, cartáda que a situação impunha talvez para mais tarde, embora, em qualquer ocasião, o resultado seja sempre aquele que tem de ser.

No seu intimo, por sua expréssa vontade, o interessádo contentar-se-ía com o efemero triunfo da sua absolvição na sindicancia por ele requerida e que tão bem correu desde o seu inicio até julgamento.

Estava lavado o *ilustre republicano democratico*, o *velho liberal e homem politico*, que lhe importa quanto *dissésse esse papel que insulta toda a gente?*

E' cérto que, exclusivamente por ele, já moralmente estava morto o devia estar; mas agora que se não liquidam éssas responsabilidades á porta fechada, e que não é um juiz, tres juizes a julgar, mas sim um juri que hade ouvir como todo o público a prova que se hade fazer, convencendo-se da verdade dos factos, é bem mais grâve e de vem ser fatais as suas consequencias, ainda que se conte como factor importante a hermenentica de qualquer advogado que aí venha quebrar lanças pela *honra*, pela *integridade* e pelo *caracter* de Manuel Pereira da Cruz.

O julgamento hade fazer-se e veremos quem de lá sái como réu, condenádo pela justiça e pelos homens.

A época em que o cinismo venceu e a audacia tripudiou não nos parece que volte a crear raizes. A lei hade ser igual para todos.

Por isso o sr. Pereira da Cruz tem de enfileirar, por iguais méritos, ao lado do *Mélro*, do *Sarrilhas*, do *Cancélas* e do *José Cuco* que já receberam o prémio das suas virtudes nos tribunais de Oliveira de Azemeis e Lisboa.

O sr. Pereira da Cruz só terá a seu favor isto: será julgado á parte. Será éssa a distinção que merece e que lhe não recusâmos...

Embora como consequencia dos nossos protéstos contra os meios ilicitos de que se sérve para arranjar dinheiro, seja preciso atingir os páramos do sacrificio.

No proximo n.º:

Um depoimento sobre a psicologia do editor do CAMALEÃO.

MINISTRO DO INTERIOR

Passou no domingo na estação désta cidade em direcção ao Porto onde acompanhou o novo governador civil da capital do norte, sr. Cerveira de Albuquerque, o ilustre ministro do Interior e nosso presadissimo amigo, sr. dr. Rodrigo Rodrigues.

Na *gáre* compareceram muitos dos seus admiradores, que o saudaram entusiásticamente com palmas e vivas tocando a *Banda dos Bombeiros Voluntarios* o hino nacional.

Com o estimádo viajante, que tão fundas e arreigadas simpatias conta nésta cidade, seguiram no mesmo comboio os srs. governador civil deste districto, dr. Mélo Freitas, Beja da Silva, Elisio Feio e o deputado Marques da Costa, regressando á noite.

Ao sr. comandante militar

Queixam-se os moradores do Largo da Fonte Nova da constante permanencia no local de grande numero de recrutas que para ali vão dirigir galanteios ás desgraçadas que vivem sob a vigilancia da policia, dando-se o caso de proferirem tambem palavrões que a moral e a decencia julgam ofensivos e que por isso se não dévem permitir.

Esperâmos que a digna autoridade militar dê imediátas providencias no sentido de ser reprimido semelhante abuso.

Uma voz que clama

Ouça-nos sr. ministro do Interior: se não é justo nem decente que os professores da Escola Normal tenham em sua casa alunos da escola, por igual motivo é indecoroso e injusto que a um professor do liceu désta cidade se consinta semelhante imoralidade.

A estes não é permitido, por lei, figurar como proprietarios de colégios, nem sequer ministrar o ensino secundàrio fóra do liceu, a alunos que hajam de ali fazer exame, porque se entendeu, e bem, que perigaría a justiça na apreciação dos mesmos alunos. Como se póde, pois, permitir, sem cometimento de grâve escandalo, que um professor do liceu receba em sua casa e tenha á sua mêsa estudantes que tem de julgar no fim do ano?

Para o efeito da moralidade e da justiça, que a lei tem em vista, tão condenável é ter um colégio de estudantes como receber estes em casa. E' só a diferença de não ter tabolêta...

Urge, portanto, que ésta tolerancia vergonhosa que vem do tempo da monarquia, termine quanto antes, porque a Republica deve impôr-se, morigerando os serviços públicos e sobretudo a instrução. E' preciso, sr. Ministro do Interior, que a limpêsa feita no liceu Maria Pia se faça sentir tambem em Aveiro, onde ha muitos que comem o pão da Republica e a vão anavalhando quanto pódem, hipocritamente e na sombra.

CARTA

O nosso presado amigo dr. Antonio Roque Ferreira, de Fermentélos, solicita-nos a inserção das seguintes linhas:

Meu caro Arnaldo:

No ultimo numero (256) de O Democrata *vem publicada uma correspondencia da Palhaça na qual uma creatura qualquer, provavelmente gafada de sarna, procura coçal-a na dignidade de um medico. Esse medico sou eu. Claro está que não vou descer ao nivel da creatura para discutir com éla assuntos de competencia medica. Simplesmente desfazer a trapaça da creatura arvoráda em censor de medicos e de senhoras a quem a Republica confiou determinádos cargos públicos. Porque a creatura mentiu. Talvez sem se sentir, mas mentiu. A primeira senhora encarregáda da estação telegrafo-postal da Palhaça que, com um atestádo meu pediu licença para se tratar* sofreu o inconveniente de se sujeitar á inspecção *de uma Junta de medicos no edificio do Govêrno Civil de Aveiro, e foi em resultado déssa inspecção—talvez requerida pela creatura—e não do meu atestado que caíra por suspeito, que o ministro respectivo lhe concedeu (salvo erro) 60 dias de licença. A segunda senhora encarregada da mesma estação compareceu, com sua mãe, no meu consultorio da Palhaça. Exigiu-me que a observasse e em seguida certificasse por escrito o que sobre a sua saude descobrisse. E como a lei obriga qualquer medico a não recusar serviços nem atestados da doença que encontra, assim o fiz, não sabendo eu se éssa senhora teve ou não teve licença e se sofreu ou não o* inconveniente da inspecção *etc., a que a creatura se refére. Eu não me lembro, meu caro Arnaldo, de todas as pessoas a quem tenho passado atestados de doença. Mas sei, porque jámais a minha dignidade se vergou ao capricho de quem quer que fôsse, que nunca subscrevi um atestado falso. Póde a creatura indagar e requerer uma ou mil inspecções a quem apresentar um atestado de doença firmado por mim, que não me trilha. Eu julguei, meu caro Arnaldo, que num jornal como o teu que parece tambem ter estabelecido uma linha de conduta de cuja rectidão não ha desvial-o, não se daría o caso de serem assim afrontadas senhoras que se não conhecem, mórmente sob responsabilidade de intrusos, que tambem se não conhecem bem. Emfim o caso passou. Mas é bom estar prevenido. Porque a creatura lá diz que* se tiver a infelicidade de ter como empregada da estação mais alguma senhora... *etc.*

Claro está que se tiver a desinfelicidade de ter como empregada *um homem não teremos mais dissabores e a creatura socéga.*

Peço-te dês publicidade no teu jornal a éstas explicações que não são para a creatura, mas para os leitores do venenoso aranzel.

Fermentélos, 27 | 1 | 913.

Teu af.

A. Roque Ferreira

A' passagem désta carta em que Roque Ferreira fala das senhoras visadas na correspondencia da Palhaça, e que não conhecemos, é do nosso dever explicar que dificil se torna a quem redige um jornal atingir muitas vezes o que os seus colaboradores, de fóra, teem em vista. Sabiâmos nós que o medico visádo era Roque Ferreira? Não sabiâmos nem isso pela mente nos passou. Já vê o nosso amigo que nenhuma culpa nos póde caber quando publicâmos escritos que só são anonimos para o público, mas que nésta redacção se acham autenticados para os efeitos da responsabilidade, sem o que não viriam á luz.

SPECIMEN... RARO

—(*)—

O Antoninho, aquele delicioso *vivant* tão querido na nossa sociedade da má lingua, como amante de todo o genero de *sport*, armou agora com mais entusiasmo em caçador, levando-noa ontem a visitar o seu canil, onde cêrca de tres duzias ou mais de cães, admiravelmente bem tratádos, passam uma vidinha regaláda e invejavel.

O bom amigo fez-nos uma longa disertação sobre os exemplares presentes, falando das suas aptídões, raças, qualidades especiaes, etc.

Mas a proposito dos perdigueiros contou-nos ele o seguinte, indicando o animal com quem se déra o caso, que na realidade é digno de registar-se:

Este cão, principiou o nosso amigo apontando-nos uma béla estampa dum perdigueiro que dá pelo nome de *jesuita*, tem a vantagem de *amarrar* a uma enorme distancia da caça. Dum faro e de ouvido inegualavel ele presente a mais pequena peça a distancias consideraveis.

Calcule, continuou o Antoninho, que a semana passada fui dar por aí umas voltas com ele —olhe para aqueles ventas—indicáva o dono, e atravessando um caminho para os lados da Oliveirinha, o cão *amarra-se* e eu naturalmente parei. Esperando mais de vinte minutos vi aparecer, no limite da estrada, um homem para o qual o cão, sem dúvida, *amarráva*, ocorrendo-me que fôsse portador de alguma caça. O homem aproximou-se e o cão não desarmava. Não havia dúvida—o cão *amarráva* por causa do homem...

Aproximando-se este interroguei-o, perguntando-lhe se ele conduzia caça, se por qualquer fórma se aproximár de aves, etc., etc.

O homem afirmou-me positivamente que não era caçador, nem pegára em caça de qualquer espécie.

— Trará você ao menos uma pena de ave no bolso?—perguntei-lhe eu.

— Só trago aqui um cartão que me servirá de guia para em Aveiro procurar a pessoa que indica. E dizendo isto, o homemsinho entregava-me um bilhete de visita, onde li

Afonso Perdigão

Aveiro

Estava assim explicada a atitude do animal...

— Que bélo bicho!—exclamámos nós.

No proximo n.º:

UM DEPOIMENTO SOBRE A PSICOLOGIA DO EDITOR DO "CAMALEÃO".

Novo advogado

Abriu banca nésta cidade, propondo-se tratar de todas as questões do fôro com a competencia que lhe advém da longa prática e estudo da matéria juridica, o sr. dr. João Ferreira Gomes, professor efectivo do liceu de Aveiro e antigo conego da Sé de Vizeu.

A sua ex.ª devemos o oferecimento dum folheto contendo as alegações finaes numa questão de aguas em que interveio como patrono dos réus, que nós agradecemos, felicitando-o pelo triunfo alcançado a favor dos seus constituintes.

TEATRO AVEIRENSE

Ao correr da fita...

Manuel Maria Moreira

Antonio Maximo Junior

Aurélio Costa

Abel Costa

Realisou-se ontem a *primière* désta revista carnavalesca em 2 actos e 4 quadros, original de *Pedro, Paulo e Sancho*, ornada de musica, e que teve a aplaudil-a um seléto público, que por compléto enchia a casa de espectaculos.

O adiantado da hora a que a récita acabou e o facto de não querermos atrazar a tiragem do jornal, obriga-nos a resumir o mais possivel a critica da revista, que tem passagens engraçadissimas, ditos de espirito, alegres e inofensivos, quasi todos em harmonia com casos e coisas da terra, que fazem rir um morto e arrancar gargalhadas ao mais sisudo...

Os principaes interpretes da peça são Antonio Maximo Junior, Manuel Maria Moreira, Abel Costa, Aurélio Costa, José Monteiro e Manuel Graça se bem que nada deixassem a desejar os restantes companheiros a quem fôram distribuidos papeis secundários, como Jeremias Santos, Mario Téles, Manuel Ferreira, Livio Salgueiro, Firmino Costa, Acacio Larangeira, Alfredo Guimarães, Armando Palhéta, Domingos Ferreira, Francisco Morais, João de Deus, João Morais, Leonel Silva, João Moura, Licinio Pinto e Ricardo Mieiro.

Os quadros são: 1.º—*No Inferno*; 2.º—*Liberdade!*; 3.º—*Touros e tabacos*; 4.º—*Gloria ao heroe!* — tendo cada qual alguns numeros de musica apropriáda que os espectadores fizéram bisar cobrindo de aplausos os actores, muitos deles já consagrádos pela firmêsa e distinção com que pisam o pálco.

Finalmente: o público riu a bom rir estando reservada á nova revista aveirense, tão cheia de pílhéria como de bom humor, outras duas enchentes nos dias 1 e 3 em que volta á cêna depois da exibição de algumas fitas cinematograficas escolhidas a capricho para éssas noites de folía.

Errata

No nosso artigo do passado numero sobre a catastrofe do *Veronese* escrevemos: *o mar que já fôra mortalha*, etc.

O compositor, porém, julgou que devia substituir a palavra *mar* por *suor* e se bem pensou melhor o fez...

A soar ficámos nós, e talvez o leitor, quando leu semelhante heresia.

Beja da Silva

Retira por estes dias para Lisboa onde vai exercer uma importante comissão de serviço junto do ministério do Interior, o digno comissario de policia distrital e nosso bom amigo, sr. Antonio Maria Beja da Silva.

Sendo, como é, a sua retiráda provisória, Beja da Silva deixa a substituil-o o sr. Antonio Teixeira, que já exerceu o cargo de administrador do concelho em Anadia com superior critério e decérto hade aqui tambem manter o prestigio das instituições com aquele aprumo proprio da sua altivez e integro carater.

A Beja da Silva felicitâmol-o pela prova de confiança que o govêrno lhe acaba de dar, sentindo no entanto o seu afastamento désta terra onde tantos amigos conta.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco* e *Kiosque Elegante*, no Rocio.

ACOLITOS

Alguem reparou que no dia da chegáda do novo governador civil, sr. dr. Alberto Vidal, este era acompanhado, entre muitos cidadãos que o aguardáram, pelo medico *escroc* Manuel Pereira da Cruz e o editor do *Camaleão*, muito senhores do seu nariz para fazerem vêr a alta cotação que teem como *republicanos democraticos*.

— O peor é que toda a gente os conhece, observava um mirone. E para serem tomádos a sério só nascendo... depois de terem morrido cem vezes...

Situação... dificil

O nosso esclarecido amigo e prestigioso homem de ciencia, sr. *dr. Vieira*, no regresso da sua ultima viagem de estudo e de recreio, que todos os anos costuma fazer pelo estrangeiro, passou a tomar parte, como a mais importante personagem, num facto que acaba, ha horas, de ter o seu epilogo, obrigando-o por isso a dirigir-se á capital, para onde partiu ante-ontem no *Sleeping-car*.

A inesperada partida do ilustre cidadão, que um feliz acaso nos fez conhecer, despertou naturalmente os nossos pruridos de curiosidade e conseguimos saber de que se tratava, o que fielmente reproduzimos aos nossos leitores, dando para isso a palavra ao iminente sabio.

Fala s. ex.ª:

Quando regressei ao meu país, vindo da Palestina, após a minha ultima viagem, o ano passado, demorei-me uns dias em Lisboa e ali encontrei uma dama que tivéra o prazer de ter visto em diversas praias e até mesmo em Hespanha, quando ali fui a umas touradas a Salamanca. Dêsse encontro nasceu um pacto e éssa senhora passou a viver sob a minha protecção num 2.º andar dum predio, á travéssa *Cáta que farás*, logo á entrada. O negocio não ficava caro, atendendo ás circunstancias proveitosas, especialmente para a minha saude, que daí resultavam. Um belo dia, porém, ao entrar no prédio dou de cara com um rapaz, Esteves, que fôra meu companheiro de viagem quando fui a Roma numa peregrinação, que por bom sinal têve um triste regresso por ao chegarmos á Pampilhosa, termos sido corridos a cacete por um tal Francisco Cruz, que é hoje deputado e outros, sendo forçados a refugiarmonos nas carruagens para nos não desfazerem os ossos!...

=Você, dizia-nos o *dr. Vieira*, já com grande quantidade de saliva gomosa aos cantos da bôca, que conhece os meus sentimentos religiosos, elevados até ao dispendio com o concêrto do orgão da egreja da misericordia onde gastei o melhor de...—e dizendo isto s. ex.ª saca do bolso interior da sobrecasaca uma agenda que folheou, continuando—o melhor de 4$215 reis, facilmente compreende o meu desespero, mas tive de calar para que nos não chegassem a roupa ao pêlo, contra o que apenas podia apresentar as minhas ideias e crenças religiosas, argumento bem ineficaz para opôr com vantagem a umas cacetadas.

Mas... voltando á vaca fria.

S. ex.ª fála com aquêle reconhecido espirito e elegancia de frase que é o seu melhor segredo...

Trocadas as primeiras impressões, o amigo Esteves declara-me que descia do 2.º andar, onde era já ha dias recebido pela respectiva inquelina!...

O meu primeiro impulso fôra esbofetial-o mas, rapidamente, refleti: o homem que se confessava assim desconhecia o resto; e désta situação resolvi obter o melhor partido e a mais proveitosa economia...

Respondi-lhe informando-o do que éssa mulher era minha amante, mas que exigente e na prática do acto que êle me confessava, resolvia abandonal-a, salvo se êle pactuasse comigo continuar visitando-a, de fórma que nos não encontrassemos e fazendo a despeza a meias...

—Sim—disse-me êle, com o sorriso mais significativo e baixando os olhos num movimento de disfarçado acanhamento—o amigo bem sabe que a economia é a base essencial da fortuna...

Aceite a proposta decorreram o melhor de quatro mezes sem a mais leve ocorrencia.

Inesperadamente, numa noute em que eu me enlevava com a bela partitura e musica da famosa opera *Adão caçando no deserto* encontro Esteves que me dá a nova de que a Emilia se achava no seu estado interessante desejando-me, com as proporções dum tiro de canhão, a seguinte pergunta:

=Quem será o pae?

Não lhe minto dizendo que fiquei aterrado.

Compreende que tratei de fugir o melhor que poude ao meu quinhão de responsabilidade alegando o diminuto numero das minhas visitas e propôz vir até Aveiro, onde esperaria a comunicação do que viésse a ocorrer, recordando-me que apezar de tudo poderia dar-se qualquer facto que desanuviasse a situação que se me antolhava grave e... dispendiosa...

Como ficára combinado, recebi ha pouco este telegrama e vou pessoalmente averiguar da sua veracidade:

Dr. Vieira

Aveiro

Emilia dois gêmeos. O meu morreu...

(a) *Esteves*

Necrología

Ao cabo de cinco anos de atroz sofrimento, finou-se no ultimo sabado a sr.ª D. Perpetua do Carmo Valverde Serrão, filha da sr.ª D. Maria do Carmo Serrão e sobrinha do nosso amigo sr. major Adolfo Butler.

Era a inditosa senhora uma das mais formosas désta cidade, muito nova ainda e prendada, constituindo, por isso, o seu passamento, dolorosa impressão entre os que a conheciam e com éla conviveram apreciando-lhe os dotes de coração e inteligencia com que se distinguia no nosso meio.

A todos quantos a choram e especialmente a sua mãe, tios e irmã, ausente com seu marido, Pompeu Alvarenga, no Congo Belga, a sincéra expressão do nosso pezar pelo desgosto profundo que os acaba de ferir.

* * *

Em Alquerubim deixou tambem de existir na segunda feira uma sobrinha do nosso colléga do *Progresso de Alquerubim*, sr. Julio Henriques de Castre.

* * *

Egualmente se acham de luto as familias do sr. José Paes e dr. Joaquim de Mélo Freitas, aquéla pelo falecimento, em Africa, do seu considerádo chefe e ésta pelo obito repentino da sr.ª Joana de Jesus Marques, cunhada do estimado aveirense.

Os nossos pêsames a todos.

No proximo n.º:

Um depoimento sobre a psicología do editor do CAMALEÃO.

Centro Escolar Republicano Democratico de Angeja

(Delegacía em Lisboa)

Reuniu no dia 26 a comissão organisadora dêste centro conjuntamente com grande numero de socios, para serem apreciados diversos trabalhos já pendentes da mesma comissão, e tomarse outras deliberações partidárias.

Entre outros assuntos foi resolvido filiar o centro no Directorio do Partido Republicano Português, ficando disso encarregada uma comissão de cinco membros, composta dos cidadãos Manuel Marques de Oliveira, João Aires Afonso, Antonio Maria Dias Pires, Camilo Simões Pacheco e Antonio Henriques da Silva, assim como tambem foi nomeada outra comissão de que fazem parte os cidadãos João Dias Gorjão, Manuel Marques de Oliveira, Antonio da Silva e Abel da Silva Maio, para irem cumprimentar e felicital-o pelas suas melhoras, o consocio Adelino da Silva Bastos.

Mais: tomou-se conhecimento das actas da eleição da comissão paroquial e politica de Angeja e da mensagem que este centro vai entregar ao sr. dr. Rodrigo Rodrigues, de congratulação pela sua escolha para ministro do Interior.

Padres rebeldes

Fôram na quarta feira julgádos e condenádos no tribunal désta comarca os padres Alvaro Henriques Alho e Manuel Grilo, prior e capelão da freguezia da Oliveirinha a quem o meritissimo juiz sr. dr. José da Gama Regalão aplicou a pena de 10 dias de cadeia, 5 escudos de multa, custas e sêlos dos autos por desrespeito ás leis do Estado.

Os réus apeláram da sentença, emudecendo o *grilo* quando lhe cheirou a *alho*...

Entendâmo-nos

Referimos a estranhêsa que ao público causou a falta de numeração dos bilhetes para os proximos espetaculos que se realizam no nosso teatro, pelos desagradaveis inconvenientes que tão infeliz ideia para o espectador representa.

Muito a tempo tratámos do caso de fórma a ser modificada éssa medida, mas não entendeu assim quem facilmente poderia ouvir, tão justa observação.

O mais extraordinario, porém, é que estabelecendo a direção do teatro o preço de 500 reis por cada cadeira para as referidas récitas, como indica nos programas, isto é, o preço da casa, exigem, todavia, por cada um dêsses logares 600 reis, o que francamente não é aceitavel, não chegando mesmo a ser moral.

Se a direção da casa, no seu proprío interesse, entender elevar os preços, para determinados espetaculos que sem êsse aumento resultem por conhecimento antecipado prejuizos, não haverá duvida em aceitar a natural consequencia dos factos; porém, vender a casa completa, para que os outros embolsem os lucros com a aquiescencia da propria direcção quando éla poderia fazer entrar no seu cofre êsse excésso de receita, não é regular e, repetimos, sem ofensa para ninguem, não chega mesmo a ser moral, porque representa uma administração economica... negativa.

O que se torna necessario é resolver com mais ponderação assuntos désta natureza, como tão acertadamente outros têm sido tratados pela direcção, de fórma a arrecadar maior receito, e a não sobrecarregar os frequentadores da nossa unica casa de espetaculos, em proveito de... terceiros, o que não foi cértamente intenção de todos quantos concorreram para a organisação e escolha dos que atualmente ali superintendem.

UMA PULHICE

Não nos podêmos calar.

O *Camaleão* dando conta duma cêna amorosa relatada em telegramas para os diferentes diários tanto de Lisboa como do Porto e em que figura o ex-monárca D. Manuel de Bragança, escreve:

Nas azas do amor...

Conta um telegrama de Moscou que uma menina rica, pertencente a uma familia judía, muito conhecida naquéla cidade pela sua beleza, foi raptada pelo sr. D. Manuel de Bragança.

O ex-monárca portuguez havia pedido a mão da joven, mas, como o matrimonio fôsse de encontro á vontade materna e á oposição dos realistas portuguêses, decidiu ráptal-a, fugindo com éla para destino desconhecido.

O teu amor e uma cabana. Que o trono foi uma vêz...

Isto dito pela gazêta que antes do 5 de Outubro toda se derretia em salamaléques deante da magestade, erguendo-lhe vivas **com toda a sinceridade das suas convicções monarquicas,** é só de se lhe atirar com um gato morto.

Porque constitue a mais revoltante pulhice, para lhe não aplicarmos já o verdadeiro nome que o troca-tintas meréce.

Estão processádos pelo medico Pereira da Cruz nada menos de 18 numeros do "Democrata,,.

Na terça feira foi ao tribunal o nosso director que, perante o juizo désta comarca, declarou assumir inteira responsabilidade dos artigos publicádos néstas colunas sobre o crime de burla atribuindo ao citádo medico, o quo ficou mencionádo para os devidos efeitos e em virtude duma citação que na vespera lhe fôra apresentáda.

E' que hoje em dia já se não póde, impunemente, desmascarar escrocs duma cérta posição social sobretudo quando se dizem homens politicos, politicos republicanos e republicanos democraticos...

Leis da Republica

Oferecidos pela emprêsa da **Bibliotéca de Educação Nacional,** com séde em Lisboa na *Rua do Mundo*, n.º 12, temos em nosso poder os 12.º, 13.º e 14.º tomos da colecção que anda publicando das principais leis promulgadas pela Republica Portuguêsa além de mais dois volumes—*Manual Prático* para solicitadores, administradores de falencias e escrivães dos julgádos inferiores e decretos sobre cobrança de pequenas dividas, as quais se vendem por preços excessivamente diminutos.

Ao sr. Francisco Luís Gonçalves, proprietario da tipografia donde sáem tão uteis quanto imprescindiveis publicações, os nossos agradecimentos.

O nosso Almanaque

Temos de dar a mão á palmatoria...

Apezar de todos os esforços para que se podésse chamar uma verdadeira surpreza aos presados leitores e ao público, a inesperada e soberba aparição do nosso almanaque, razões mais que poderosas, obrigam-nos a deixar para o proximo ano de 1914 a publicação do almanaque correspondente a 1913.

Avisados assim todos os nossos assinantes, leitores, amigos, curiosos e colécionadores obviarão as dificuldades,—dificiencias e diferenças que por cérto existam entre a indicação de dias, luas, marés, feriados, datas memoraveis como a *reforma da Carta Constitucional*, *aprovação do acto adicional*, *dia de reis*, *festa da familia ou natal dos pobres*, *ano bom* ou seja *dia de rapióca universal*, em que comem os que tem que comer e, os que não tem, viram-se para o outro lado a vêr se... dormem, etc., etc., etc.

Parecerá a muita gente á primeira vista, que a diferença por o *a manaque de 1913* aparecer em 1914 será de grandes transtornos e dificuldades.

Para distruir, porém, qualquer receio de confusão bastará estar prevenido de que quando o *almanaque* indicar 1, quer dizer que são 2; designando—*terça*—já sabemos que é—*quarta*, e assim por deante.

As luas pódem caseiramente regular-se com toda a precisão e os mezes por serem conhecidos só 12, principiando em janeiro e acabando em dezembro, salvo alteração em contrario.

Marés—num momento se chega á ria verificando se é cheia ou não e alterando-se a indicação do *almanaque*, se não calhar...

O que, sentimos é que o leitor só para o ano possa ter o supremo gôzo de apreciar o *nosso almanaque* na parte scientifica, literaria, poetica, lirica, cartomancia, politica, significação dos sonhos e pezadelos de meninas e meninos ou emfim qualquer pessoa que durma de barriga para o ar, explicações sobre trabalhos vários de prestidigitação, processo completo e absolutamente elucidativo para isenção de mancebos do serviço militar, podendo exigir, *como é costume*, o maximo de 50$000 reis; significação das flôres, de côres, de bichos e de bichas, com a respectiva receita para as creanças as expelirem sem purgante e sem dôres...

Tabéla de sinaes de incendio, sinaes semaforicos e sinaes de... bexigas!

Variada e completa a secção da *medicina cazeira*:—o procésso rapido para a cura de gripe, constipações, defluxos eclesiasticos, prisão de ventre, soltura de intestinos, menstros deficeis como atestados dos padres *Chiça* e *Pedro*, etc., etc.

Extraordinario numero de rascunhos para cartas de namoro—metodo de musica para vários instrumentos, violino, guitarra, violoncelo, piano, harpa e dança, com todas as alterações modernas.

Variado reportorio com receitas para bebidas, desde o *briol á bagaceira* e vários licôres, tudo da lavra e reconhecido mérito mundial do *Bébes*.

A parte ilustrada é sem duvida uma verdadeira maravilha.

Mais de 1:500 gravuras, contendo retratos de celebridades em todos os campos da sciencia e atividade humana, assim como paginas sobre paginas de réclames—*dernier cri*—planta da cidade e plantas de cidadãos, fachada dos hoteis da cidade, vivo testemunho do interesse que todos nêsse campo têm tomado, a principiar pelo *Internacional*, casa que por si só recomenda uma terra...

Fac-simili das gravuras

O *nosso almanaque* é sem duvida a mais completa e variada guia para *turistes* e até... *toureiros*...

Como amostra do valor e alcance da colaboração literária scientifica e poetica reproduzimos, á sorte, o que vae lêr-se:

«Carta aberta aos donos de terras e ao povo trabalhador da mais alta importancia ensinante de fomentação agricola, nacional e estrangeira».

Começa assim:

«Antonio Martins, morador na travéssa de Santo Antonio, á Junqueira, n.º 9, em Lisboa

Faz saber para conhecimento geral: que

A faculdade de direito que a terra tem nos destinos dos mundos, na qualidade de mãe e na designação de cada raça, a ninguem lhes será permitido prival-a ou de qualquer fórma detel-a de produzir a parte alimentar ao vaivem de todos os seus filhos.

As mães animaes geralmente todas são carinhosas no tratamento e alimentação a seus filhos: só as da raça humana algumas são o contrario, e se não são em maior numero, é por que as leis se lhes impõe; á mãe terra não se lhe póde impôr leis, mas sim aquêles que se dizem ser seus proprietarios; do contrario e no futuro, dirigentes e dirigidos ninguem se entenderá.

E acrescenta:

«O autor tem em seu poder a chave geral da fomentação agricola do país, principalmente no que diz respeito aos vinhedos existentes não se lhe importando com as contrariedades scientificas que lhe aparecerem, que apezar de se não saber explicar por escrito, fará conhecer pela prática que as vinhas pódem dar o dobro da fruta e mais bem criada.»

E conclue em verso:

Ainda o autor tem na mente
Dentro do progresso vegetal
Não haver infelizmente
Quem o saiba examinar.

Se alguem o pretendesse examinar,
Teria grandes dificuldades a vencer,
Porque no campo das realidades,
Nunca o poderia fazer.

Em vegetal, muito escrevi ao presidente,
Do govêrno provisorio é verdade,
Mas se o fiz foi só na mente,
De melhor sorte para a sociedade.

Se os escritos estiverem guardados,
Em proveito de pessoa sua,
Não fará o que devia, em lealdade,
A' luz brilhante do sol e bacenta lua.

E' pena não haver no reino animal
Quem se preocupe, como devia, do valor vegetal,
No caminho do progresso moderno,
Da alimentação em geral.

Comtudo, ha ainda cousa muito superior ao que aí fica e que se destinará a réclames subsequentes.

Preço, 100 reis, com o imposto do sêlo a cargo do comprador.

Leiam para o ano o *nosso almanaque* de 1913!!!

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

CIRCULAR

Recebemos a seguinte:

... Sr.

Tem esta por fim comunicar a V. que, désta data em diante, deixei de fazer parte da firma industrial e comercial que nésta praça girava sob a rasão social de **Jeronimo Pereira Campos, Filhos,** *ficando todo o activo e passivo da mesma firma a cargo dos demais consocios Ricardo, Henrique e Domingos Pereira Campos, confórme a escritura lavrada em 25 de janeiro de 1913, nas notas do notario Albano Pinheiro, désta cidade.*

Outro sim, declara o signatário que vai negociar no mesmo ramo de negocio, para o que já anda na montagem da sua nova fábrica, sita no canal de S. Roque, désta cidade, num terreno apropriado para tal fim, pois que, além da abundancia da materia prima tem as tres vias de comunicação ou sejam o caminho de ferro, ria e estrada de macadam e tambem cujos conhecimentos do negócio e prática da fabricação em geral o habilitam a enviar ainda este ano aos seus amigos e freguezes, artigos que, está cérto, hão-de merecer a aprovação geral e assegurar-lhe o favor público.

Contando obter a continuação das suas ordens pela estricta atenção que prestarei constantemente á execução de todas as encomendas, sou com todo o respeito

De V. etc.

Aveiro, 28 de Janeiro de 1913.

João Pereira Campos

Refére-se êste nosso amigo a uma nova fábrica de telha, sistêma da de Marselha, que já anda em construção no local acima indicádo e que lhe permitirá competir em qualidade e preços com os produtos de quaesquer outras fabricas pela facilidade de transportes e facil obtenção da matéria prima que lhe fica ao pé da porta.

A João Pereira Campos, o activo e inteligente industrial da nossa terra, desejâmos o maximo de prosperidades no novo rumo que ora encéta.

Imprensa

Apareceu nésta cidade *O Progresso*, que diz vir substituir o antigo *Progresso de Aveiro*, com a mesma orientação definida após o advento da Republica.

E' de formáto mais pequena e publica-se ás segundas feiras.

ANGOLA POR DENTRO

E' mais ao sr. ministro das colonias, do que a outra qualquer pessoa que endereço os meus escritos, agora encetádos.

Não pretendo lécional-o, bem longe de mim está tal afronta.

A minha pretenção, sr. ministro, é elucidal-o do que, por desventura nossa, V. Ex.ª desconheça.

Vivi no interior de Benguela o melhor de dez anos da minha vida então florescente. Vinte e cinco fôram os anos que gastei da minha mocidade nesse distrito. Ora dedicando-me ao comercio por virtude hereditária, e desbravando montes intensos para conseguir a abertura duma estrada carreteira com a extensão de 500 quilometros que ligou o Bié com o Lobito, e de que o Estado me não indemnisou, nem aos que comigo trabalharam, eu julgo-me habilitado a, sobre as colonias, algo poder dizer.

Henrique Correia Ramos foi o maior obreiro a meu lado; foi o melhor dirigente.

A ele cabe a gloria de vencer o que alguns engenheiros depois dos seus estudos julgávam invencivel.

A antiga estrada carreteira de Benguela ao Bié era por via Caconda e descrevia um triangulo, emquanto que a nossa era quasi recta.

O excelente democratico que se chamou Eduardo Costa, mandou o distinto engenheiro Azevedo em minha companhia avaliar o nosso serviço.

Chegámos só á terça parte do caminho e o sr. Azevedo, pouco acostumado ás intempéries da vida sertaneja, ordenou o nosso regresso.

No seu relatório avaliou o nosso trabalho em seis contos de reis, deixando ao arbitrio dos seus colégas, avaliar as 2/3 partes restantes.

Perdôe V. Ex.ª a minha concisão, assim como o entreito que, de relance, mais parece tratar dos meus interesses proprios, que duma cruzada que vamos dirigir em pról da nossa Patria. Serei eu, decérto, o mais humilde porque—*outros valores mais alto se levantam.*

A nossa campanha será duma persistencia duradoura. Sômos só seis, mas julgo que valerêmos por mil.

A nossa intenção é bôa e póde até ser formidavel para novos empreendimentos.

Benguela póde, se V. Ex.ª lhe consagrar a sua atenção, ser um verdadeiro empório de riqueza.

O caminho de ferro que hade ligal-a com o Barotze hade facilitar-lhe o incremento que transforma Sanzalas em vilas e vilas em cidades.

O minério, a agricultura e o comercio, desde que patrocinados sejam, hão de fazer de Portugal um dos paises mais ricos da Europa.

A Companhia do Caminho de Ferro, em exploração, cobra-se barbaramente pelo transporte de artigos de comercio, isso é incontestrvel, mas protége a agricultura com uma vontade pouco vulgar, sem que esta por seu turno corresponda com o seu desenvolvimento aos beneficios que aufére da companhia.

Sobre este assunto muito me resta dizer. Eu desejaría, Ex.mo Sr., que da nossa cruzada, cheia

de fé e de esperança no engrandecimento da Patria, surgisse um projecto de lei que á vontade de todos produzisse, em cinco anos, o dinheiro suficiente para adqu rir uma esquadra que fizésse honra á nossa nação. Não é dificil pôl-o em pratica e é ainda menos dificil fazer que todos concordem sem um só protesto. Logo, deve ser facil levar a empreza a cabo.

Agora é aos meus socios que me dirijo:

A'vante meus amigos! Emquanto houver imprensa e homens como os que agora estão no poder, Portugal hade progredir sempre, e havemos de, em curto espaço de tempo, vel-o brilhar no meio das nações da Europa como um sol radiante em dias de primavéra.

Contem comigo. A nossa missão é, como conhecedores da causa, apresental-a o melhor que nos seja possivel descrevel-a.

Acacio

O DEMOCRATA

Vende-se agora no **Kiosque Pereira,** junto ao mercado do Côjo.

Desastre

O comboio colheu na quarta-feira, no passo do nivel de Esgueira, o automovel n.º 1:098 pertencente ao sr. Carlos Pinto, comerciante em Lisboa, que o guiáva acompanhado de sua esposa, a sr.ª D. Judit Pinto.

Felizmente que os dois passageiros puderam sair ilésos do terrivel choque que se deu e em virtude do qual ficou feito num bôlo o magnifico veiculo de que pouco ou nada poude ser aproveitado.

As responsabilidades cabem, segundo dizem, á guarda da linha.

Novo traje academico

O sr. reitor do liceu, Alvaro de Moura, mandou já para Lisboa uma especie de capa muito original e que será, dentro em bréve, o traje usado pela nossa academia, se ele merecer a aprovação do sr. Ministro do Interior.

O balandrau é curioso pelo feitio, e agora pelo carnaval tem dado no gôto dos estudantes, que se não cançam de o admirar ás costas do padréca que inventou tão exquisita véstia de surrubéco, digna de museu.

Louvâmos o procedimento do sr. Reitor que tão bem sabe estimular o engenho inventivo dos homens désta terra, que já se imortalisáram pelo célebre *gabão de Aveiro.*

No proximo n.º:

Um depoimento sobre a psicologia do editor do CAMALEÃO.

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

FEVEREIRO

DIAS	PHARMACIAS
2	ALLA
9	BRITO
19	REIS
23	MOURA

Serviço de administração

Mandâmos á cobrança pelo correio, uns, e por intermédio de obsequiosos amigos nossos, outros, os recibos de "O Democrata", vencidos ou prestes a veacerem-se, do que dâmos conta aos nossos presados assinantes rogando-lhes a finêsa do seu bom acolhimento afim de nos evitarem novas despêsas e podermos trazer em dia a escrituração do jornal.

* *

No **Congo Bélga, Pará** e **Manáus** estão respectivamente encarregados de receber as assinaturas que lá possuimos, os srs. **Henrique Madail, J. J. Nunes da Silva e João Simões Amaro Junior,** devendo os assinantes das outras partes do ultramar, onde ainda não temos pessoa idonea que nos represente, mandar as importancias directamente a esta redacção, o que desde já muito agradecêmos.

Comunicados

A questão da casa da aula do sexo masculino da Palhaça

Ha quem diga que eu não devia ir tão longe com esta questão da casa da aula do sexo masculino da Palhaça. Na verdade eu nunca pensei em ir tão longe ao inicial-a nêste jornal. Não é minha a culpa. A culpa é dos que fazem acirrar, dos que podiam muito bem não dar ocasião a que eu escreva aqui cousas em que eu nunca pensei, apezar de as ter em meu poder ha mezes, ha anos, coisas ditas em minha casa, quando eu me ocupava em conversa sobre o procedimento do professor, que nunca louvei. O professor tem mais deveres a cumprir além da educação das creanças, como dísse o sr. inspector escolar do circulo de Anadia na sessão da câmara de Oliveira do Bairro, em 9 de Novembro proximo passado, e é exactamente por éssa razão que eu tenho ido mais longe do que o que era preciso para fazer mudar a aula do sexo masculino, para as creanças não assistirem diariamente a um triste espectaculo. Que me importa que o professor Caládo se oculte agora mais um bocadinho ao triste papel que ahi tem feito, talvez por ordem superior, se êle, terminada esta questão, volta á carga, como outr'ora! Assim, eu não contava, ao iniciar esta questão, ir tão longe, mas ainda não está tudo dito. O sr. inspector escolar do circulo de Anadia é teimoso. O sr. Caládo tem o apoio do sr. inspector, está seguro. Como se ha-de resolver a questão? Nos tribunaes? Aí não, porque aí só se apurará a verdade do que tenho dito a respeito de imoralidade, devassidão e desleixo que vae cá pela escola em questão. Eu aguardo a ocasião de falar no tribunal e só depois direi aos leitores do *Democrata* se ha imoralidade, devassidão e desleixo. Quem sabe? talvez os tribunaes vão louvar o professor Caládo por aquêles heroicos feitos, como fez o sr. inspector escolar quando vistoriou as duas casas.

Mas até que éssa ocasião chegue, irei escrevendo, e visto que nem o sr. inspector nem o sr. governador civil se movem, irei apresentar queixa ao sr. ministro do Interior, que decerto fará a justiça que o caso reclama.

E comigo irá a câmara de Oliveira do Bairro que depois de oficiar ao sr. inspector pedindo-lhe a rapida mudança da aula do sexo masculino, aprovou a seguinte

Moção

Considerando que á câmara compete zelar os interesses do povo e do concelho;

Considerando que a câmara não póde aumentar a despêsa do municipio sem grâve prejuizo do mesmo;

Considerando que foi a câmara que resolveu arrendar uma casa na freguezia da Palhaça que bem servisse para o funcionamento da aula do sexo masculino;

Considerando que tal resolução da câmara foi motivada por um requerimento do senhorio Coutinho exigindo mais cinco mil reis ou sejam vinte cinco mil reis de renda anual;

Considerando que até hoje o senhorio Coutinho ainda não desistiu daquéla petição;

Considerando que a casa da aula do sexo masculino da Palhaça não tem habitação para o professor;

Considerando que o professor, tendo a lei a seu favor, póde exigir ao municipio vinte cinco mil reis para renda de casa;

Considerando que o municipio póde ámanhã ser obrigado a pagar a bonita quantia de cincoenta ou mais mil reis de renda de casa da aula do sexo masculino e casa para habitação do professor;

Considerando que a casa arrendada por esta câmara tem todas as condições precisas para o funcionamento da referida aula e uma bôa vivenda para o professor; e

Atendendo a que o arrendamento da casa do padre mestre, na Palhaça, representa para este municipio uma economia de vinte ou trinta mil reis anuaes;

Considerando que o sr. inspector escolar do circulo de Anadia, na qualidade de empregado público tem restricta obrigaçuo de zelar os interesses do Estado; e

Atendendo mais a que a câmara vistoriou com o sr. inspector a referida casa do padre mestre *e a achou muito superior á atual casa da escola do sexo masculino, menos em tamanho, pois tem menos onze metros—por tudo o que deixo exposto é de urgente necessidade que esta comissão Municipal tome uma firme resolução e providencie de modo que a escola em questão seja mudada quanto antes—a câmara resolve por unanimidade instar com o sr. inspector escolar do circulo de Anadia para que imediatamente faça mudar a escola do sexo masculino da Palhaça para a já referida casa do* padre mestre *a qual a câmara julga muito superior á casa do sr. Coutinho onde atualmente funciona a referida escola, já pelo bom aspecto do salão, já por ser um dos sitios mais enchutos da freguezia e já pela bôa habitação para o professor, predicados que a atual casa não tem, e porque podendo a câmara ou este municipio pagar casa de escola e habitação do professor com trinta mil reis de renda anual, não deve pagar cincoenta ou sessenta mil reis, que mais dia menos dia tem de pagar em outra qualquer casa.*

Esta moção aprovada pela comissão Municipal de Oliveira do Bairro prova bem a falsidade dos escritos do sr. Caládo e prova bem a politica reles que está a fazer o inspector escolar do circulo de Anadia.

Repare nisto sua ex.ª o sr. governador civil do distrito.

Palhaça, 20 de Janeiro de 1913.

Manuel de Mélo

CORRESPONDENCIAS

Castélo de Paiva, 27

Saudâmos o novo governador civil, primeiro do govêrno partidário da nossa querida Republica.

Felicitâmos o distrito, e com especialidade o nosso concelho, pela nomeação do sr. dr. Alberto Vidal para esse cargo.

O novo governador civil, que nas suas declarações, no acto da posse, prometeu fazer justiça e que por isso hade reparar as injustiças, dar o seu a seu dono e castigar os criminosos, que tantos prejuizos teem causádo ao público em geral, ao Estado e ás novas instituições. S. Ex.ª tem na sua repartição documentos mais que suficientes para fazer a necessária, indispensavel e urgente justiça.

Assim o esperâmos.

C.

Alquerubim, 27

Graçam com muita intensidade nésta freguezia as seguintes doenças: pneumonias, coqueluche, anginas de mau caracter, que tem feito vitimas.

Ontem fôram sepultadas duas pessoas, e hoje ha mais duas para sepultar. Se isto assim continúa, não faltarão bachareis formados em direito a requerer o logar de coveiro!

= Está doente a esposa do sr. dr. José Pereira Lemos, distinto clinico désta freguezia.

Desejâmos-lhe rapidas melhoras.

= O sr. Manuel Maria Amador tem á venda milho da Argentina, ao preço de 720 reis cada 20 litros.

Foi um grande beneficio que ele prestou aos pobres que teem o pão como principal alimento. O milho daqui estava a subir de preço.

= Continúa o máu tempo.

C.